

PROCESSOS DE CRIAÇÃO LEXICAL NA GÍRIA PERUANA: O CASO DO FLOREO VERBAL

Thayssa Taranto Ramírez

RESUMO

Este artigo tem por objetivo conceituar e delimitar o chamado *floreo verbal*, fenômeno de caráter gírio (isto é, relativo ao *argot*, à gíria) empregado pelos falantes de *jeringa*, a gíria juvenil peruana. Discutiremos a validade das demais nomenclaturas existentes, por que os falantes recorrem a esse processo de criação lexical e, com base nos dados do *corpus*, demonstraremos como o fenômeno funciona na língua espanhola.

PALAVRAS-CHAVE: língua espanhola; *argot*; *floreo verbal*.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo conceituar e delimitar o chamado *floreo verbal*, espécie de jogo linguístico que, apesar de pouco comentado na literatura, tem sido bastante empregado entre os falantes de *jeringa*, como é chamada a gíria peruana. Para tanto, iniciaremos com uma breve apresentação desta variedade linguística, informando sobre sua origem, o perfil de seus usuários e os diferentes contextos nos quais vem sendo utilizada.

Em seguida, procuraremos enumerar os processos de criação lexical presentes na *jeringa*, ilustrando com exemplos que permitam sua compreensão.

Após isso, trataremos de definir o *floreo verbal* discorrendo sobre seu funcionamento e sobre quais os fatores que justificam seu uso entre os falantes daquela variedade linguística. Ainda nesta seção, discutiremos a inadequação

das nomenclaturas existentes na designação de nosso objeto de estudo, com base na literatura.

Já na seção seguinte, falaremos rapidamente sobre o *corpus*, aproveitando para elencar os casos de *floreo verbal* ali encontrados. Por fim, realizaremos uma descrição geral do fenômeno visando a reconhecer o modo como o mesmo opera no socioleto em exame, utilizando como exemplos os casos encontrados no *corpus*.

A jeringa: um código nada convencional

A *jeringa*, como é chamada a gíria juvenil peruana, é basicamente um *argot* (isto é, uma “língua especial”, de grupo), sendo empregada, via de regra, por indivíduos das camadas populares limenhas com o objetivo de afirmar sua identidade frente à cultura instituída, criar laços de cumplicidade com o interlocutor ou expressar sua visão de mundo. A fim de ampliar seu repertório lexical, os usuários desse *argot* farão uso de processos de criação¹ que poderão atuar ora sobre o sentido, ora sobre a forma de uma palavra. De acordo com Calvet (1994)², trata-se de um subsistema³ que respeita as estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas da língua, diferenciando-se, porém, no plano lexical.

¹ Tais processos podem ser os mesmos que incidem sobre a língua corrente (derivação e composição, por exemplo), ou podem ser, ainda, processos incomuns de criação lexical (metátese, truncamento etc.), sendo estes considerados por certos autores (do quais Ramírez [1996] é um bom exemplo) como inusitados ou irregulares.

² CALVET, Jean-Louis. *L'argot*. Paris: PUF, 1994 (Que sais-je? n° 700)

³ Segundo Coseriu (1980), as línguas históricas (também chamadas de línguas naturais) devem ser compreendidas como diassistemas, isto é, estruturas mais ou menos complexas compostas de “dialeto”, “níveis” e “estilos”. Esse tipo de língua sempre apresenta variedades internas pertencentes a, pelo menos, três eixos, que são o diatópico (geográfico), diastrático (social) e diafásico (estilístico). Essas diferenças constituem verdadeiras “sublínguas” (ou subsistemas) dentro de uma mesma língua, sendo chamadas de “línguas funcionais”. Ainda que as “línguas funcionais” se relacionem aos três eixos da variação linguística, algumas delas estão ligadas de forma mais acentuada a eixos específicos do diassistema: o *argot*, por exemplo, está bastante ligado aos meios sociais, daí ser considerado um socioleto. Quanto ao conceito de língua comum, Coseriu (1980, p. 117) vai defini-la como “língua funcional que tiver a maior difusão possível nos três sentidos da variedade linguística e que apresentar o máximo de coincidências com outras línguas funcionais”. Em outras palavras, a língua comum é aquela que é mais difundida numa comunidade linguística e, portanto, mais conhecida de um maior número de falantes. COSERIU, Eugenio. *Lições de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

Quanto a seus usuários, observamos que a *jeringa* foi concebida originalmente no interior de grupos juvenis, tendo por base elementos da *replana*, isto é, o *argot* dos marginais peruanos⁴. Segundo Gálvez (2002)⁵, a adoção de termos do *argot* marginal por parte dos jovens tem a ver com um entendimento deturpado do conceito de masculinidade, que, no universo da delinquência, se manifesta através da prática da brutalidade, do sarcasmo, da insolência e do cinismo. Dessa forma, a linguagem juvenil incorpora termos desse socioleto, recriando-os e adaptando-os a suas próprias necessidades expressivas⁶.

Nos últimos anos, porém, a *jeringa* vem adquirindo bastante popularidade não apenas entre os adolescentes e jovens das classes populares, mas também entre grupos de adultos e entre certos indivíduos pertencentes às classes mais favorecidas. Assim sendo, esse *argot* começa a ultrapassar os limites do juvenil e passa ser empregado, também, como uma espécie de código “da malandragem”, isto é, uma forma de falar que permite ao indivíduo demonstrar sua “viveza” frente ao ambiente hostil da capital peruana⁷,

⁴ A *replana*, também conhecida como *jerga del hampa*, é o nome que se dá ao *argot* utilizado pelos marginais peruanos. Em seu artigo *La jerga de los malhechores peruanos*, Carrión (1978) vai buscar as origens desse *argot*, as quais poderiam ser encontradas, segundo ele, na antiga *germania* espanhola do século XVI. Segundo o autor, não são poucas as coincidências entre termos dos *argots* modernos e da *germania* da Idade do Ouro, a exemplo de *corvina* ‘morto’, *jamancia* ‘apetite voraz’ e *chamullar* ‘mentir, enganar’. Por outro lado, estão presentes ainda termos provenientes do *caló* espanhol, galicismos e anglicismos, bem como palavras adaptadas do *quéchua* e de *argots* oriundos de outros países do continente. Na visão de Carrión, a exploração do salitre teria exercido forte influência no intercâmbio linguístico sul-americano, o que explicaria os empréstimos da *coa* chilena e do *lunfardo* argentino à *replana*, esse último contribuindo também com uma série de italianismos. CARRIÓN, Enrique. “La jerga de los malhechores peruanos”. In: IV CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ALFAL, 1975, Lima. *Anais...* Lima: UNMSM, 1978, p. 268-279.

⁵ GÁLVEZ, Judith. *Lenguaje jergal*. Lima: Hipocampo Editores, 2002. p. 20.

⁶ Além da forte influência da *replana*, a *jeringa* conta ainda com termos do *argot criollo* (isto é, o falar pícaro dos limenhos), do *quéchua* e alguns estrangeirismos, estes últimos difundidos, sobretudo, pelos meios de comunicação.

⁷ Como qualquer metrópole latino-americana, Lima sofre hoje com uma série de problemas sócio-econômicos, consequência, sobretudo, das migrações internas, as quais resultaram num crescimento desordenado da capital. Além da invasão dos espaços públicos, da informalidade na economia, do colapso dos serviços e do aumento da mendicância e da delinquência, as migrações produziram ainda profundas alterações no estilo de vida da população *criolla*, o que contribuiu para estabelecimento, segundo Nugent (1992 apud BALBÍ, 1997, p.13), de um *apartheid* étnico-geográfico pelas classes altas na tentativa de inviabilizar a ocupação comum dos espaços e a integração cultural com esses novos habi-

além de aproximar e integrar gerações e classes sociais distintas. Tanto isso é verdade que muitos de seus termos têm sido adotados hoje pelas mídias impressa e televisiva, aparentemente como um recurso para estabelecer a cumplicidade com o leitor ou espectador, sobretudo com aqueles oriundos das classes populares.

Processos de criação lexical encontrados na *jeringa*

Quanto aos processos utilizados na formação do socioleto em questão, vimos inicialmente que os mesmos poderão incidir tanto sobre o significante quanto sobre o significado de um item lexical. Neste último caso, observamos o uso da metáfora e da metonímia, processos semânticos empregados em *argots* de maneira geral, e conseqüentemente, na *jeringa*. Como exemplo de metáfora, observamos a palavra *mancha* ('mancha') empregada para designar *multitud* ('multidão') e, como exemplo de metonímia, a palavra *cáncer* ('câncer') sendo utilizada no lugar de *cigarro* ('cigarro').

Segundo Calvet (1994)⁸, a metáfora e a metonímia não se restringem às línguas de grupo, mas são amplamente utilizadas nas conversações cotidianas. No caso específico dos *argots*, o emprego desses processos tem por objetivo expandir o repertório lexical de seus falantes, uma vez que costumam lidar com um número limitado de domínios – geralmente as relações com familiares e amigos, o mundo do trabalho e do dinheiro, as relações amorosas e as formas de diversão, segundo apontam Calvet (1994)⁹ e Hevia (2008)¹⁰. Dito de outra forma, tais falantes têm por costume criar diversos itens lexicais para nomear um mesmo referente, resultando na criação de um vocabulário com alto nível de especialização.

Com relação aos processos que alteram o significante, poderá ocorrer, de acordo com Calvet:

tantes. BALBÍ, Carmen Rosa. ¿Una ciudadanía desconyuntada o redefinida por la crisis? De 'Lima la horrible' a la identidad chola. In: BALBÍ, Carmen Rosa; CHÁVEZ, Irma. (orgs.). *Lima: aspiraciones, reconocimiento y ciudadanía en los noventa*. Lima: Fondo Editorial PUCP, 1997.

⁸ CALVET, Jean-Louis. *L'argot*. Paris: PUF, 1994 (Que sais-je? n° 700)

⁹ CALVET, Jean-Louis. *L'argot*. Paris: PUF, 1994 (Que sais-je? n° 700)

¹⁰ HEVIA, Julio. *¡Habla, jugador! Gajes y oficios de la jerga peruana*. Lima: Ed. Taurus, 2008.

- 1) a subtração de uma parte da palavra (truncamento), como no exemplo “ñori”, forma utilizada em substituição à *señorita* (‘senhorita’);
- 2) o acréscimo de uma sequência qualquer a essa palavra (sufixação), como nos exemplos “cholear” (de *cholo* ‘migrante andino’) e “putifai” (de *puta* ‘prostituta’);
- 3) a transformação das palavras com base em regras fixas, como ocorre, por exemplo, no *vesre*, onde verificamos a inversão dos segmentos ou sílabas de uma palavra (daí ser chamado de “vesre”, por ser o contrário de *revés*).

Quanto aos casos de sufixação, é possível observarmos no socioleto em questão duas diferentes modalidades: a derivação, em que se acrescenta um sufixo verbal a um substantivo qualquer, geralmente a terminação –ear (Ex.: *cholo* ‘migrante andino’ > “cholear” ‘xingar de cholo’) e a “falsa sufixação”, em que se acrescenta à palavra uma terminação inexistente na língua, a qual exerce a função de sufixo (Ex.: *puta* ‘prostituta’ > “putifai” ‘prostituta’). Em menor escala, podemos encontrar também casos de infixação (Ex.: *lado* ‘lado’ > “laredo” ‘lado’), processo herdado da *replana* e raramente utilizado na *jeringa*.

Além dos processos acima mencionados, a *jeringa* conta ainda com um recurso pouco comum: o *floreo verbal* (CARRIÓN, 1978)¹¹, também chamado de “analogia fonética” (RAMÍREZ, 1996)¹², de “amplificação” (BENDEZÚ, 1977)¹³ ou ainda de “atração paronímica” (CASTAÑEDA, 2005)¹⁴. Segundo esse processo, uma palavra é substituída por outra com a qual compartilha uma sequência fônica inicial, resultando numa espécie de jogo linguístico¹⁵.

¹¹ CARRIÓN, Enrique. “La jerga de los malhechores peruanos”. In: IV CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ALFAL, 1975, Lima. *Anais...* Lima: UNMSM, 1978, p. 268-279.

¹² RAMÍREZ, Luis Hernán. *Estructura y funcionamiento del lenguaje*. 7ª ed., Lima: Derrama Magisterial, 1996. p. 152.

¹³ BENDEZÚ, Guillermo. *Argot limeño o jerga criolla del Perú*. Lima: Editorial Universo, 1977. p. 39

¹⁴ CASTAÑEDA, Luz. “El Parlache: resultados de una investigación lexicográfica”. *Forma y Función* 18: 74-101, Colombia, jan-dez 2005.

¹⁵ A própria palavra que dá nome ao nosso socioleto é fruto desse processo, isto é, o termo *jeringa* se explica pela sua analogia sonora com as palavras *jerga* e *jerigonza*, com as quais compartilha a sequência fônica inicial [hɛˈr]. Não há, portanto, qualquer ligação semântica entre esses itens lexicais, pois, de acordo com os dicionários, *jeringa* significa ‘seringa’.

O *floreo verbal*: definição do fenômeno

Denomina-se *floreo verbal* o ato de substituir uma palavra por outra com a mesma sonoridade, produzindo, com isso, “pseudo-apelativos” (CARRIÓN, 1978)¹⁶, a exemplo de “*mariachi*” (< *marido* ‘cônjuge’) e “*celofán*” (< *celoso* ‘ciumento’)¹⁷. Trata-se basicamente de um fenômeno de mascaramento lexical, que pode ser motivado:

- 1) por um desejo de ocultamento daquilo que efetivamente se pretende dizer (função críptica);
- 2) por um desejo de diferenciar-se dos demais falantes, de marcar sua identidade frente a uma cultura instituída (função identitária);
- 3) pelo desejo de brincar com o interlocutor, conferindo à conversa um caráter cômico ao alterar-se a forma das palavras (função lúdica);
- 4) pelo desejo de expressar, através do significante utilizado, ironia, crítica ou desprezo pelo referente (função expressiva).

De acordo com Calvet (1994)¹⁸, os *argots* costumam obedecer a pelo menos uma dessas funções. No caso específico do *floreo verbal*, além de cumprir com as funções descritas acima, poderíamos falar ainda de uma “função eufemística” (CASTAÑEDA, 2005)¹⁹, pois percebemos que os falantes recorrem a esse processo quando desejam atenuar o peso de um vocábulo frente ao interlocutor.

Com relação à sua origem, não se sabe ao certo quando o *floreo verbal* começou a disseminar-se, uma vez que não parecem existir estudos específicos sobre o tema. O que há, na verdade, é uma breve menção a esse fenômeno

¹⁶ CARRIÓN, Enrique. “La jerga de los malhechores peruanos”. In: IV CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ALFAL, 1975, Lima. *Anais...* Lima: UNMSM, 1978, p. 268-279.

¹⁷ Exemplo de uso: “Me chismean que el *mariachi* de la Jibaja, Jean Paul, es recontra *celofán* (...)” [Me fofocaram que o *marido* da Jibaja, Jean Paul, é muitíssimo *ciumento* (...)]. MIRANDA, Lupe. “Ya fuiste”. Ajá, http://www.aja.com.pe/aja/seccion.php?txtSecci_id=50, 19/06/2010.

¹⁸ CALVET, Jean-Louis. *L'argot*. Paris: PUF, 1994 (Que sais-je? n° 700)

¹⁹ CASTAÑEDA, Luz. “El Parlache: resultados de una investigación lexicográfica”. *Forma y Función* 18: 74-101, Colombia, jan-dez 2005.

em alguns trabalhos, como em Teruggi (1974)²⁰, Benzedu (1977)²¹, Carrión (1978)²², Ramírez (1996)²³, Gálvez (2002)²⁴ e Castañeda (2005)²⁵ 26.

A expressão *floreo verbal*, segundo Carrión (1978)²⁷, teria sido criada pelo filólogo espanhol Joan Corominas e, de acordo com o autor, serviria para designar uma situação de jogo linguístico, uma vez que a palavra *floreo*, conforme aparece no DRAE²⁸, pode ser descrita como uma forma de “conversación vana y de pasatiempo”, entre outras acepções. Dessa forma, a expressão *floreo verbal* significa algo como “falar muito e não dizer nada”, aludindo, portanto, a uma conversa superficial, que os interlocutores mantêm com a finalidade “matar o tempo”.

Apesar de esta nomenclatura não ser a mais adequada para descrever o fenômeno, optamos por utilizá-la em nosso trabalho, uma vez que as outras classificações existentes não são muito claras acerca das especificidades do processo ou possuem definições pré-estabelecidas, que não conferem com o que efetivamente ocorre no *floreo verbal*. Como mencionamos anteriormente, o

²⁰ TERUGGI, Mario. *Panorama del lunfardo: Génesis y Esencia de las Hablas Coloquiales Urbanas*, Bs.As.: Ediciones Cabargón, 1974.

²¹ BENDEZÚ, Guillermo. *Argot limeño o jerga criolla del Perú*. Lima: Editorial Universo, 1977.

²² CARRIÓN, Enrique. “La jerga de los malhechores peruanos”. In: IV CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ALFAL, 1975, Lima. *Anais...* Lima: UNMSM, 1978, p. 268-279.

²³ RAMÍREZ, Luis Hernán. *Estructura y funcionamiento del lenguaje*. 7ª ed., Lima: Derrama Magisterial, 1996

²⁴ GÁLVEZ, Judith. *Lenguaje jergal*. Lima: Hipocampo Editores, 2002

²⁵ CASTAÑEDA, Luz. “El Parlache: resultados de una investigación lexicográfica”. *Forma y Función*, 18: 74-101, Colombia, jan-dez 2005.

²⁶ Embora não saibamos sua origem exata, tudo indica que o *floreo verbal* disseminou-se primeiro na Argentina através do *lunfardo*, sendo posteriormente difundido entre falantes de outros países de língua espanhola. Por conta da forte presença de imigrantes italianos, muitos de seus termos são nomes próprios, como “*baratieri*” (< *barato* ‘barato’), “*dureli*” (< *duro* ‘avarento’), “*lorenzo*” (< *loro* ‘mulher feia’) e “*ligaroti*” (< *ligador* ‘paquerador’), o que Teruggi (1974) vai chamar de “pseudoapellidos”. Apesar dessa profusão de antropônimos, o produto do *floreo verbal* pode ser também palavras da língua corrente, a exemplo de “*alcachofa*” (< *alcachuete* ‘delator’) e “*durazno*” (< *duro* ‘avarento’). TERUGGI, Mario. *Panorama del lunfardo: Génesis y Esencia de las Hablas Coloquiales Urbanas*, Bs.As.: Ediciones Cabargón, 1974.

²⁷ CARRIÓN, Enrique. “La jerga de los malhechores peruanos”. In: IV CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ALFAL, 1975, Lima. *Anais...* Lima: UNMSM, 1978, p. 268-279.

²⁸ DRAE: Diccionario de la Lengua Española, 22ª ed. (ed. *on-line*), <http://www.rae.es>, 16/11/2011.

processo em questão tem recebido outras denominações, como “amplificação”, “analogia fonética” e “atração paronímica”.

Quanto ao primeiro termo, “amplificação”, Bendezú (1977)²⁹ irá empregá-lo em alusão ao efeito provocado pela adição de um sufixo ou de uma sequência fônica à palavra original, cuja consequência é um aumento em sua extensão. Entretanto, este termo não se mostra adequado, uma vez que a “amplificação” se dá não somente nos casos de *floreo verbal* (como é o caso da palavra “*lentejas*” ‘lentilhas’, empregada no lugar do substantivo *lentes* ‘óculos’), mas, também, nos casos de “falsa sufixação” (como é o caso da palavra “*cholintranqui*”, empregada no lugar do substantivo *cholo* ‘migrante andino’). Na verdade, a origem de toda a confusão está no fato de que o autor não logra distinguir corretamente os casos de *floreo verbal* e “falsa sufixação”, os quais se configuram como processos completamente diferentes³⁰.

Em suma, não encontramos qualquer referência ao termo “amplificação” em nenhum trabalho sobre o *argot* além da obra de Bendezú, o que por si só já invalida seu valor conceitual. Longe de denominar um processo de criação lexical, esse termo tem sido utilizado pela Retórica para designar uma figura de linguagem cujo objetivo é desenvolver uma ideia realçando suas particularidades (CEIA, s/d)³¹.

Vejamos, agora, algumas especificidades do termo “analogia fonética”. Comumente, a palavra ‘analogia’ tem sido utilizada com o sentido de semelhança, aproximação, e visa a exprimir a associação existente entre elementos distintos. Dessa forma, Ramírez (1996)³² recorre ao termo com o objetivo de traduzir a relação que se estabelece entre palavras que compartilham uma sequência sonora, a exemplo de *celoso* ‘ciumento’ e *celofán* ‘celofane’. Entretanto, o conceito de “analogia fonética” tem sido empregado por diferentes autores não com esse sentido, mas

²⁹ BENDEZÚ, Guillermo. *Argot limeño o jerga criolla del Perú*. Lima: Editorial Universo, 1977. p. 39

³⁰ A principal diferença entre os processos é que na “falsa sufixação” há a incorporação de uma terminação aleatória com valor de sufixo, ao passo que no *floreo verbal* há duas palavras que compartilham a mesma sonoridade, sendo uma empregada no lugar da outra.

³¹ CEIA, Carlos. “Amplificação”. In: _____. E-dicionário de termos literários. http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=547&Itemid=2, 18/01/2012.

³² RAMÍREZ, Luis Hernán. *Estructura y funcionamiento del lenguaje*. 7ª ed. Lima: Derrama Magisterial, 1996. p. 152.

sim como um recurso que visa à simplificação da linguagem, isto é, à supressão de suas irregularidades (COUTINHO, 1976)³³. Exemplo disso é o que ocorre na expressão “esculpido e encarnado”, a qual, por analogia fonética, acabou-se consagrando na forma “cuspido e escarrado”, esta última de grande aceitação popular.

Por último, examinaremos a inadequação do termo “atração paronímica” (CASTAÑEDA, 2005)³⁴ para designar o que ocorre no *floreo verbal*. De acordo com Dubois (2007)³⁵, “atração paronímica” é o nome que se dá a um fenômeno da etimologia popular através do qual palavras de diferentes origens são empregadas de modo equivalente devido à sua semelhança formal, cuja consequência pode ser uma mudança semântica (a exemplo do emprego da palavra “dilatar” ‘retardar, estender’ no lugar de “delatar” ‘denunciar’) ou uma “deformação” fonética (a exemplo de “negromancia”, usada em lugar de “necromancia” ‘adivinhação através dos mortos’).

Ao denominar de “atração paronímica” a relação existente entre palavras como *marido* ‘marido’ e *mariachi* ‘músico mexicano’, por exemplo, é como se Castañeda reconhecesse estar diante de palavras parônimas, o que não se comprova na prática: apesar de terem significados diferentes, essas palavras não se assemelham nem na pronúncia e nem na grafia, de modo que a substituição de uma por outra se dá por motivações que nada têm a ver com esse processo.

Uma vez discutida a validade dessas nomenclaturas na caracterização do processo em questão, falaremos rapidamente sobre o *corpus*, aproveitando para elencar os casos de *floreo verbal* ali encontrados. Já na seção seguinte, realizaremos uma descrição detalhada de como o referido processo ocorre na *jeringa* com base nos dados disponíveis.

Sobre o *corpus*

Segundo Calvet (1994)³⁶, o *argot* é de uso basicamente oral, de modo que sua transcrição para a linguagem escrita será sempre problemática. De acordo

³³ COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976. p. 152-155.

³⁴ CASTAÑEDA, Luz. “El Parlache: resultados de una investigación lexicográfica”. *Forma y Función* 18: 74-101, Colombia, jan-dez 2005.

³⁵ DUBOIS, Jean. *Dicionário de Linguística*. 8ª ed. São Paulo: Cultrix, 2007. p. 79

³⁶ CALVET, Jean-Louis. *L'argot*. Paris: PUF, 1994 (Que sais-je? n° 700)

com o autor, perde-se muito ao passar-se de um registro a outro, pois é comum encontrarmos no *argot* fenômenos essencialmente fonéticos, tais como elisões, quedas de consoante, variações vocálicas, entre outros. Por essa razão, optamos por utilizar como *corpus* palavras extraídas da “coluna de fofocas” *Ya fuiste*, a qual é diariamente publicada no jornal *Ajá*, tabloide limenho de caráter popular³⁷.

Apesar de constituir uma fonte escrita, a coluna em questão demonstrou ser uma excelente fonte de dados, pois vemos ali o esforço em representar-se graficamente cada um dos processos encontrados na *jeringa* com razoável fidelidade³⁸. Para efeito de quantificação, utilizaremos dados coletados dos textos publicados durante um mês (entre os dias 08/06 e 08/07/10) na edição *on-line* do referido jornal³⁹.

No *corpus* utilizado, encontramos três modalidades de “adição” de sequências ao final de substantivos e adjetivos: a sufixação padrão (Ex.: “*matoncito*” ‘briguento, barraqueiro’, em que -ón e -ito são sufixos da língua espanhola), a “falsa sufixação” (Ex.: “*baratieri*” ‘barato’, em que -ieri não corresponde a um sufixo corrente na língua espanhola)⁴⁰ e o *floreo verbal* (como é o caso de

³⁷ A expressão *Ya fuiste* é largamente utilizada pelos jovens e significa algo como “Você já era”, numa alusão aos artistas que são alvo das fofocas da colunista. O termo *Ajá*, por sua vez, pode ser considerado tanto uma interjeição de surpresa (sendo nesse caso acompanhado de sinais de exclamação) quanto um advérbio de afirmação.

³⁸ Além da presença de termos da *jeringa*, a referida coluna chamou nossa atenção devido à espontaneidade da linguagem, a vulgar pela quantidade de onomatopeias, exclamações, reticências, alterações fonéticas etc. A impressão que se tem é que esses elementos foram empregados de forma proposital pela autora com o objetivo de simular a linguagem oral, visando a estabelecer assim uma maior cumplicidade com o leitor. Para efeito de ilustração, podemos enumerar palavras e expressões tais como “*¡Ayayayyy!*”, “*¡Uhhmmm!*”, “*¡Nooo, pues!*”, “*¡Fuiiiiiiraaa!*”, “*Cheesu...*”, “*¡Quéee!*”, “*Qué bueeena...*”, “*Ja, ja, ja*”, entre muitas outras.

³⁹ MIRANDA, Lupe. “*Ya fuiste*”. *Ajá*, http://www.aja.com.pe/aja/seccion.php?txtSeccion_id=50, 08/07/2010.

⁴⁰ A “falsa sufixação” tem estado presente em diversos *argots*, a exemplo do *argot* francês (Ex.: *clachard* ‘mendigo’ transforma-se em “*clodo*”, “*cloduque*”, “*clodimir*”, “*clodoche*” etc.) e do *lunfardo* argentino (Ex.: *misho* ‘pobre’ > “*mistongo*”, “*mistongueli*”; *gil* ‘tonto, idiota’ > “*gilastro*”; *gratis* ‘grátis’ > “*gratarola*”). Na prática, esse procedimento assume o aspecto de uma paragoge, embora sua finalidade não seja a mesma desse fenômeno. Segundo Dubois (2007), a paragoge é um procedimento que consiste no acréscimo de um fonema não etimológico no final da palavra, sendo um processo muito frequente no italiano ao assimilar-se palavras estrangeiras terminadas em consoante (Ex.: *Rafael* > *Rafaelle*). Trata-se, portanto, de um tipo de metaplasmo que visa um ajuste aos padrões estruturais da língua, o que não é nem de longe o objetivo da “falsa sufixação”. DUBOIS, Jean. *Dicionário de Linguística*. 8ª ed. São Paulo: Cultrix, 2007, p. 220

“*zambrana*”, palavra pré-existente utilizada em alusão à *zamba* ‘negra’).

Com relação a este último, foram encontrados no *corpus*, ao todo, 25 casos, a saber: “*cubichi*” < *cubano* (3 ocorrências), “*trampolín*” < *tramposo* (4 ocorrências), “*conchán*” < *conchudo* (3 ocorrências), “*segurolas*” < *seguro* (1 ocorrência), “*chaplín*” < *chapa* (2 ocorrências), “*clarines*” < *claro* (1 ocorrência), “*barrunto*” < *barrio* (1 ocorrência), “*Limonta*” < *Lima* (2 ocorrências), “*chapeltex*” < *chape* (1 ocorrência), “*francolines*” < *francamente* (1 ocorrência), “*solano*” < *solo* (1 ocorrência), “*celofán*” < *celoso* (1 ocorrência), “*mariachi*” < *marido* (7 ocorrências), “*zambrana*” < *zamba* (3 ocorrências), “*zambrano*” < *zambo* (1 ocorrência), “*zaborja*” < *zambo* (1 ocorrência), “*caín*” < *caído* (1 ocorrência), “*patín*” < *pata* (4 ocorrência), “*piñata*” < *piña* (1 ocorrência), “*chicomá*” < *chico* (1 ocorrência), “*voltarén*” < *vuelta* (1 ocorrência), “[*dar forata*]” < *fuera* (1 ocorrência), “[*de*] *pasarela*” < *de pasada* (1 ocorrência), “¿[*qué talco?*]” < ¿*qué tal?* (2 ocorrências) e “[*al*] *toquepala*” < *al toque* (1 ocorrência)⁴¹.

⁴¹ Seguem exemplos de usos conforme aparecem no *corpus*. Após o fragmento, segue a data da publicação e a respectiva tradução:

“La *cubichi* Vernis Hernández se puso blanca de la vergüenza al ver que solo cuatro gatos asistieron a su show en un local barranquino.” (03/07/2010) [A *cubana* Vernis Hernández ficou branca de vergonha ao ver que apenas meia dúzia de gatos pingados assistiu a seu show em um local barranquino.]

“Con razón lo dejó su ex ñori, por *trampolín*...” (05/07/2010) [Com razão sua ex-mulher o deixou, porque era um *malandro/mentiroso*...]

“Como diría Meier ¿qué *conchán*!...” (13/06/2010) [Como diria Meier: que *cara de pau*!...]

“¿Uhhmmm!... *Segurolas* que está craneando algo...” (24/06/2010) [Uhhmmm... *Com certeza* está inventando alguma coisa...]

“Este *chaplín* corre por los pasillos de Panamericana TV cada vez que baja el gerente Federico Anchorena. Lo llaman ‘soldado mal escondido’.” (08/06/2010) [Este *apelido* corre pelos corredores de Panamericana TV cada vez que desce o gerente Federico Anchorena. Chamam ele de ‘soldado mal escondido’.]

“Es que Ajá es del pueblo y está en el corazón de tutilimundi... ¿*Clarines!*” (03/07/2010) [É que Ajá é do povo e está no coração de todo mundo... *Claro!*]

“Lo que le tenga que decir a Tula, primero se las arregla conmigo’, sonó a matoncito de barrunto...” (08/07/2010) [‘O que você tem pra dizer pra Tula, primeiro vem resolver comigo’, soou a barraqueiro de bairro...]

“Me pasan el talán que Malú Costa ya tiene su ‘nidito de amor’ en *Limonta*.” (06/07/2010) [Me contaram que Malú Costa já tem seu ‘ninhozinho de amor’ em *Lima*]

“(…) la carioca vivió la vida con las lesbis, más de una quería robarle un ‘*chapeltex*’...” (03/07/2010) [(...) a carioca aproveitou a vida com as lésbicas, mais de uma queria roubar um *beijo* dela...]

“El otro día me crucé con el ‘muñeco de torta’ Raúl Tola y *francolines* que tiene un jale mal-

Antes de procedermos ao exame dos dados, importa salientar algumas das dificuldades enfrentadas em sua seleção. A primeira delas se deve ao fato de o *floreo verbal* lidar com formas pré-existentes na língua, mas nem sempre essas formas estarem dicionarizadas. Isto porque o usuário pode recorrer não apenas a palavras da língua corrente, mas também a nomes próprios, como é o caso de *Voltarén* (nome fantasia de um medicamento), largamente empregado para designar *vuelta* ‘volta’.

dito...” (17/06/2010) [Outro dia cruzei com o ‘boneco de bolo’ Raúl Tola e *de fato* ele tem um tremendo sexy appeal...]

“Lo peor es que él hace unos decía que recién se reponía del rompimiento y que estaba *solano*.” (12/06/2010) [O pior é que há alguns dias ele dice que tinha acabado de se recuperar do término do relacionamento e que estava *sozinho*.]

“Me chismean que el mariachi de la Jibaja, Jean Paul, es recontra *celofán* (...)” (19/06/2010) [Me fococaram que o marido da Jibaja, Jean Paul, é muitíssimo *ciumento* (...)]

“El ex *mariachi* de Celine Aguirre tuvo un fuerte encontrón con un pata de seguridad (...)” (03/07/2010) [O ex-marido de Celine Aguirre teve uma baita briga com um segurança (...)]

“La *zambрана* se puso brava...” (12/06/2010) [A *negra* ficou brava...]

“(...) están celosas porque el *zambrano* a veces es más engreidor con una que con otra.” (19/06/2010) [(...) estão com ciúme porque o *negro* às vezes mima mais uma do que outra]

“Para su tranquilidad los zamborjas solo chorearon a los europeos...” (07/07/2010) [Para sua tranquilidade os negros roubaram só os europeus...]

“(...) además de pasar las de *Caín* económicamente, tiene que batallar contra una penosa enfermedad...” (10/06/2010) [Além de estar *sem dinheiro*, tem que lutar contra uma terrível doença...]

“A ver, de acuerdo a Reniec, tú tienes 34 y el *patín* 27 (...)” (26/06/2010) [Bem, de acordo com Reniec, você tem 34 anos e o *cara*, 27 (...)]

“A la merfi que la ricotona Vivi Rivas Plata está recontra *piñata* porque por tutos lados se encuentra con las ex del billetón Mahchi...” (10/06/2010) [No duro que a gostosona Vivi Rivas Plata está muitíssimo *azarada*, porque encontra as ex do ricaço Mahchi por todos os lados...]

“Dizque una vez más, dejará *chicoma* a tutos los competidores y se llevará el título (...)” (10/06/2010) [Diz que uma vez mais, vai deixar os competidores *no chinelo* e vai levar o título (...)]

“(...) cada vez que tiene tiempo, se da un *voltarén* por esos laredos para saludar a una manchita de yuntas (...)” (08/07/2010) [(...) cada vez que tem tempo, dá uma *volta* por lá para cumprimentar seu grupo de amigos (...)]

“Ahora el chicherito tendrá que portarse bien, sino le *dan forata*.” (23/06/2010) [Agora o chicheirinho terá que se comportar bem, senão o *expulsam*.]

“(...) antes de que la música la abandone, se aseguró con su negocio que *de pasarela* le dejará para comprar los pañales...” (27/06/2010) [(...) antes que a música a abandone, se garantiu no seu negócio que, *de passagem*, lhe ajudará a comprar as fraldas...]

“*Qué talco* mis fieles lectores (...)” (08/07/2010) [Como vão, meus fiéis leitores? (...)]

“La ricotona Katty Jara se puso mosca y *al toquepala* abrió una boutique para ganarse unos reales extras...” (27/06/2010) [A gostosona Katty Jara ficou esperta e *na mesma hora* abriu uma boutique para ganhar um dinheiro extra...]

Um segundo aspecto que contribuiu para dificultar a coleta dos dados é a aparente semelhança existente entre os fenômenos do *floreo verbal* e da “falsa sufixação”, da qual já falamos na seção dois deste trabalho. Na realidade, não há um consenso de parte dos autores acerca das diferenças que separam ambos os processos, o que é sem dúvida uma consequência de seu caráter atípico. Para um observador cuja língua materna não é o espanhol, tal distinção resulta ainda mais complexa, especialmente por conta da dificuldade de se identificar se dada terminação corresponde ou não a um sufixo da língua espanhola. Assim sendo, cada vez que algum item lexical não era encontrado no DRAE⁴², recorriamos ao *Google*⁴³ a fim de averiguarmos sua procedência.

Na seção que segue, demonstraremos o funcionamento do fenômeno através dos dados obtidos.

Descrição do fenômeno na *jeringa*

Conforme comentamos anteriormente, a ausência de trabalhos específicos sobre o tema nos impede de conhecer a origem do fenômeno em questão, porém a presente pesquisa tem revelado um dado bastante interessante: ao contrário do que havíamos suposto inicialmente, o *floreo verbal* não é um fenômeno específico da *jeringa*, podendo aparecer em *argots* oriundos de outros países hispano-falantes.

Segundo dados fornecidos pelo dicionário virtual *Tu Babel*⁴⁴, observamos uma coincidência de palavras e expressões presentes em nosso *corpus* e, ao mesmo tempo, empregadas por usuários de outros *argots*, como é o caso de “*mariachi*” para designar *marido* ‘marido’ (Peru, Honduras, Colômbia), “*so-*

⁴² DRAE: Diccionario de la Lengua Española, 22ª ed. (ed. *on-line*), <http://www.rae.es>, 16/11/2011.

⁴³ GOOGLE. <http://www.google.com>, 30/11/2011. Como optamos por restringir nossas buscas apenas a páginas em espanhol, utilizamos a seguinte ferramenta: Configurações de Pesquisa > Idiomas > Espanhol. Em seguida, inserimos a palavra ou locução (esta última sempre entre parênteses, a fim de refinar os resultados) encontrada no *corpus* no campo relativo à busca para só então procedermos à pesquisa.

⁴⁴ TU BABEL, www.tubabel.com, 10/01/2012. No dicionário em questão, os próprios usuários podem contribuir postando novos verbetes, enriquecendo assim o acervo do *site*. Existe, também, um serviço de bate-papo através do qual os internautas podem trocar ideias a respeito da diversidade léxica presente no mundo hispano-falante.

lano” para referir-se a *solo* ‘sozinho’ (Peru, Nicarágua, Equador), “¿qué talco?” em vez da expressão ¿qué tal? ‘como vai?’ (Peru, Venezuela) e “clarín” para referir-se a *claro* ‘advérbio de afirmação’ (Peru, El Salvador, México). Além disso, é possível encontrar ainda outros exemplos de *floreo verbal*: a palavra “patín” para referir-se a *patada* ‘chute’ (México, Honduras), “*mariachi*” para referir-se a *mareado* ‘bêbado’ (México), e “¿qué solano!” empregada no lugar da expressão ¿qué sol! ‘que sol!’ (Costa Rica). Outra fonte de dados bastante útil é o *Diccionario de Expresiones Mexicanas*⁴⁵, onde é possível encontrarmos palavras e expressões como “*a patín*” (< *a patala pie* ‘a pé’), “*Acapulco*” (< *acá/aquí* ‘aqui’), “*Miguel*” (< *mío* ‘meu’), “*Simón*” (< *sí* ‘sim’), “*Federico*” (< *feo* ‘feio’), “*naranjas*” (< *no* ‘não’), entre outros exemplos.

Como vimos na seção três do presente trabalho, o *floreo verbal* caracteriza-se por ser um fenômeno de mascaramento lexical, cuja intenção, na *jeringa*, parece ser principalmente brincar com a forma das palavras. Na maior parte das vezes, o produto do *floreo verbal* corresponde a nomes próprios, que podem ser **antropônimos** (Ex.: *Chaplín*; *Segurolas*; *Solano*; *Zambrana*; *Zambrano*; *Limonta*; *Chicoma*; *Cain*)⁴⁶, **topônimos** (Ex.: *Zamborja*; *Forata*; *Toquepala*; *Conchán*; *Limonta*)⁴⁷ ou **oniônimos** (Ex.: *Cubichi*; *Limonta*; *Voltarén*; *Chapetex*)⁴⁸, mas também palavras da língua corrente (*clarín* ‘instrumento musical’, *piñata* ‘recipiente cheio de guloseimas que se costuma pendurar no teto para ser rompido em festas infantis’, *barrunto* ‘ação de *barruntar*, isto

⁴⁵ PETERSEN, Emilio Roberto. “Expresiones mexicanas para argentinos”. El Portal de México. www.elportaldemexico.com/cultura/diccionarios/diccionarioexpresionesmexicanas.htm, 10/01/2012.

⁴⁶ Em nossas buscas pelo *Google*, detectamos que: “*Chaplín*”, “*Segurola(s)*”, “*Solano*”, “*Zambrana*”, “*Zambrano*”, “*Limonta*”, “*Chicoma*” são todos sobrenomes, ao passo que “*Cain*” é um prenome. Observe-se que: 1) *Chaplín* faz referência ao ator Charles Chaplin e também a um tipo de bolacha famosa no Peru (*las galletas Chaplín*); 2) Em nossas buscas, *Segurola* vinha geralmente grafado sem o “s”.

⁴⁷ “*Zamborja*” (Em alusão ao distrito limenho de San Borja), “*Forata*” (Represa localizada em Valencia, Espanha), “*Toquepala*” (Região mineira localizada em Tacna, Peru. É também o nome de uma rua localizada na região metropolitana de Lima), “*Conchán*” (Distrito localizado na província de Chota, departamento de Cajamarca, Peru. É também o nome de uma praia no sul de Lima, muito visitada por surfistas), “*Limonta*” (No estado de Veracruz, México, há uma cidade com este nome).

⁴⁸ “*Cubichi*” (Empresa espanhola do ramo gráfico), “*Limonta*” (Empresa italiana do ramo têxtil) “*Voltarén*” (Nome fantasia de um medicamento), “*Chapetex*” (Antiga empresa peruana do ramo de calçados, cujo nome era grafado com “pp”).

é, *pressentir*’, *francolín* ‘ave da ordem dos galináceos’, *celofán* ‘película transparente e flexível’, *mariachi* ‘músico de orquestra popular mexicana’, *patín* ‘utensílio para patinar’, *talco* ‘tipo de mineral’, *pasarela* ‘ponte pequena ou provisória’, *trampolín* ‘tábua elástica’⁴⁹.

Outra característica do fenômeno é que o material acrescentado à base tem estrutura e valor de sufixo, apesar de não sê-lo do ponto de vista gramatical (Ex.: *chape* > “*chapatex*”, em que -etex se assemelha a um sufixo). Já o material aproveitado da base possui as propriedades de um radical (Ex.: *vuelta* ‘volta’ > “*voltarén*”, em que volt-/vuel- se constitui no radical), embora nem sempre o seja na língua (Ex.: *marido* ‘marido’ > “*mariachi*”, onde mari-, e não marid-, exerce a função de radical).

Apesar de certas formas haverem-se consagrado pelo uso em detrimento de outras, mais de uma forma poderia atender aos objetivos do *floreo verbal*. Não há nada que impeça, por exemplo, o emprego da palavra *chapatín*⁵⁰ em vez de *chaplín* pelo falante para referir-se à *chapa* ‘apelido’. Tanto isso é verdade que em certas situações essa duplicidade irá ocorrer, a exemplo da palavra *zambo* ‘negro’, cujo produto do *floreo verbal* poderá ser “*zambrano*” ou ainda “*zamborja*”, conforme detectamos no *corpus* utilizado nesse trabalho. Isso ocorre em consequência da própria natureza do fenômeno, que correlaciona formas da língua a partir dos dispositivos identificados. Em outras palavras, a forma mais difundida poderia perfeitamente coexistir com outras estruturas semelhantes, sem que isso comprometa seu uso e sua regularidade na língua em questão⁵¹.

Conclusão

No presente artigo, discorremos sobre o *floreo verbal*, processo de criação lexical largamente empregado por falantes de língua espanhola. Ao ser utiliza-

⁴⁹ DRAE: Diccionario de la Lengua Española, 22ª ed. (ed. on-line), <http://www.rae.es>, 16/11/2011.

⁵⁰ *Chapatín* é como se chama um dos personagens de Roberto Gomes Boláños (Chespirito), cujos seriados são bastante difundidos entre os peruanos.

⁵¹ Para mais informações acerca da regularidade desse processo, ver RAMÍREZ, Thayssa Taranto. *Processos de formação de palavras na gíria juvenil do Peru: uma análise otimalista*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal Fluminense, Niterói.

do por um público específico, o qual está composto especialmente por jovens pertencentes às classes populares urbanas (neste estudo em particular, aquelas oriundas de Lima, Peru), o *floreo verbal* goza de um caráter de jogo ou brincadeira, podendo ser empregado ainda com o objetivo de reforçar os laços entre os integrantes dessa comunidade, ocultar o conteúdo de sua conversa frente aos não-iniciados, expressar sua visão de mundo ou atenuar o peso de um vocábulo. Por cumprir com essas funções, o *floreo verbal* deve ser entendido como um fenômeno gírio, isto é, relativo ao *argot*, às línguas de grupo.

Com relação a seu funcionamento, o *floreo verbal* consiste na utilização de uma palavra em lugar de outra com a qual compartilha a mesma sequência fônica inicial, tratando-se, portanto, de um processo formal de criação lexical. Quando falamos em criação, nos referimos a que: 1) esse processo simula uma derivação na medida em que é acrescentada, à palavra original, uma terminação semelhante a um sufixo, cujo produto será um item lexical pré-existente; 2) esse processo, ao recorrer a itens lexicais pré-existentes, confere a estes itens um novo significado, que os mesmos não possuíam anteriormente.

Com relação ao produto do *floreo verbal*, são observados não apenas palavras da língua corrente, mas também nomes próprios, que podem ser antropônimos, topônimos ou oniônimos. Em alguns casos, mais de uma palavra poderá satisfazer aos objetivos do falante, ainda que, na maioria das vezes, observemos a preferência por alguma forma em particular.

PROCESOS DE CREACIÓN LEXICAL EN LA JERGA PERUANA: EL CASO DEL *FLOREO VERBAL*

RESUMEN

El objetivo de este artículo es conceptualizar y delimitar el llamado *floreo verbal*, fenómeno de carácter jergal (es decir, relativo al *argot*, a la jerga) empleado por los hablantes de jeringa, la jerga peruana. Debatiremos la validez de las demás nomenclaturas existentes, por qué los hablantes recurren a dicho proceso de creación lexical y, basándonos en los datos del corpus, demostraremos cómo el fenómeno funciona en la lengua española.

PALABRAS CLAVE: lengua española; argot; floreo verbal.

Recebido em: 20/03/2013

Aprovado em: 20/08/2013